

## **Figurações da Ilha na poesia de Natália Correia: da expressão da açorianidade à busca da universalidade**

Figurations of the Island in Natália Correia's poetry:  
from the expression of Azoreanity to the search of universality

Rui Tavares de Faria

Universidade dos Açores / CECH – Universidade de Coimbra

rui.mv.faria@uac.pt

Data de receção: 21/03/2022

Data de aceitação: 18/04/2022

### **Resumo**

Entre os vários motivos poéticos que percorrem a obra de Natália Correia, a Ilha e as suas figurações tomam-se por um *tópos* de destaque. Imbuída de um sentimento particular de quem teve a Ilha por berço, Natália assume-se, por um lado, “menina insular”, atribuindo à Ilha o papel matricial de sua formadora endógena, mas demarca-se, por outro, daquele espaço de pertença e identidade para entoar um hino universal de promoção da Ilha, enquanto lugar de refúgio a que só ela, a poetisa, acede pela rememoração, pelo sonho e pela saudade. É através de uma expressão literária particular, resultado de uma açorianidade intrínseca, e de uma linguagem poética da qual sobressaem os ecos da universalidade que Natália Correia (re)configura a Ilha como um espaço múltiplo, possível (apenas) no universo da (sua) Poesia.

**Palavras-chave:** Ilha – poesia – açorianidade – universalidade – Natália Correia.

### **Abstract**

Among the various poetic motifs that run through Natália Correia's poetry, the Island and its figurations stand out as an important theme. Imbued with a particular feeling of those who had the Island as their birthplace, Natália assumes herself, on the one hand, as an “insular girl”, attributing to the Island the matrix role of her endogenous trainer, but, on the other hand, she demarcates herself from that space of belonging and identity to sing a universal hymn for the promotion of the Island, as a place of refuge to which only she, as a poet, accesses

through remembrance, dreams and nostalgia. It is through a particular literary expression, the result of an intrinsic and psychological Azorean nature, and a poetic language from which the echoes of universality stand out that Natália Correia (re)configures the Island as a multiple space, possible (only) in the universe of (her) Poetry.

**Keywords:** Island – poetry – Azorean nature – universality – Natália Correia

## 1. Introdução

As figurações que a Ilha adquire, enquanto motivo poético na obra de Natália Correia, resultam da expressão de uma individualidade literária que assenta em dois eixos determinantes: a açorianidade e a universalidade. Assim, a leitura da poesia de Natália impõe, desde logo, uma reflexão sobre estes dois conceitos para daí se recolher os elementos e as linhas de análise que dão à Ilha feições diferentes, mas que não deixam de estar interligadas como decorrentes umas das outras.

Quando configurada como espaço de pertença e identidade, a Ilha assume-se *fons et origo* da essência do sujeito poético; é o berço basáltico e vulcânico que o embala desde o nascimento. Mas a visão comum de que a Ilha confina, isola e aprisiona não é uma condicionante para a atuação do poeta. E aí a ínsula converte-se em ponto de partida – ou porto de despedida – e, em concomitância, a expressão poética da açorianidade, garantida pela voz de Natália, procura outros e novos palcos. E regressar à Ilha? Para o “eu” lírico, este *nostos* opera-se *a priori* pela rememoração e pelo sonho, o que estimula não só a universalização de um sentimento tão próprio como a saudade, mas desencadeia, ao mesmo tempo, um processo de metamorfose da realidade insular precívil. A Ilha reconfigura-se, enfim, no reino onírico que a poesia permite.

Para dar conta das figurações que a Ilha ganha na obra poética de Natália Correia selecionou-se um *corpus* de textos que, publicados em diferentes épocas, refletem o impacto e atestam o valor da insularidade como condição necessária à expressão literária da autora. São, aliás, as suas palavras que determinam a visão individual sobre a influência que a Ilha tem na criação poética:

Na fossa dos mais acreditados dicionários, a ilha está rodeada de mar por todos os lados. Mas não vos digo nada de novo dizendo que o dicionarista é o homem graduado pelo terror da língua absoluta,

esse silêncio que o poeta ouve por um prodígio de acústica vascular. Basta cerrar os olhos e fixá-los na constelação das turmalinas mais rápidas do sangue para saber que a ilha é a mãe que se fecha na sua insânia de morte a percorrer impudicamente as nossas artérias (Correia 1993a: 422).

É esta relação de interpenetração, uma espécie de osmose, que a poetisa estabelece com a Ilha; dela depende a sua própria vida: a real e a poética.

## 2. Açorianidade e universalidade: polos da expressão poética

A interdependência, a que muitos chamam de ligação umbilical, por traduzir precisamente os laços que unem o filho à mãe que o gerou, é um traço idiossincrático que reflete o sentimento ou modo de ser e de agir cunhado por Vitorino Nemésio de açorianidade, e que deve ser entendido como a “dimensão psicológica” (Rosa & Trigo 1987:188) de um conceito mais abrangente: a insularidade. Na verdade, segundo a proposta de Almeida Pavão (1988: 42-43), a expressão de uma açorianidade literária é determinada por três extratos de idiossincrasias: um de formação endógena, outro que integra os “insularizados” ou “ilhanizados” e, por último, aquele que diz respeito à percepção dos “estranhos” sobre as ilhas açorianas.

Ora, Natália Correia evidencia, à partida, uma expressão poética reveladora de uma açorianidade que decorre da endogenia, porque nasceu, cresceu e viveu na ilha de S. Miguel até um dado momento da sua existência, tendo de lá partido já pré-adolescente. A formação que naturalmente recebe até essa altura condiciona o seu *modus cogitandi operandique*, o que deixa marcas indeléveis na sua obra poética. E como se manifesta o traço de açorianidade ao nível estético? Em *Corsário das Ilhas*, Nemésio alude às particularidades do “ser-se ilhéu”, e aí reconhece e determina aquilo que é próprio desta condição:

Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; - e logo o sentimento duma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar... Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os atos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quasi religiosa de convívio com que não teve a fortuna de nascer, como o *logos*, na água (1983: 33).

Se nesta definição Nemésio apresenta o indivíduo insular como detentor de uma herança sentimental que o demarca daqueles que não têm a ilha por berço ou por lar, é também neste conceito que se insurge

a expressão psicológica da açorianidade como “uma espécie de embriaguez” que impregna a alma e impulsiona os atos do ilhéu até ao ponto de lhe estruturar o espírito e, por conseguinte, determinar a sua atuação. Esta dimensão psicológica da insularidade está presente, portanto, num conjunto significativo de poemas de Natália Correia, porque a poetisa atribui à Ilha o estatuto de espaço de pertença pelo nascimento, o que lhe confere a função determinante de forjar a sua identidade poética.

Mas Natália não se deixa absorver totalmente pela “embriaguez do isolamento” que advém da insularidade e a Ilha, que não perde o *status* de berço de origem, torna-se no ponto de partida para a universalidade, promovendo, pela expressão poética, a instituição da identidade açoriana. Como se operacionaliza? Embora proferidas num contexto de ordem político-social, as palavras de Lacerda dão a resposta:

o discurso da açorianidade traduz-se num processo contínuo de apropriação, difusão e circulação de símbolos, ideais e emblemas capazes de fazer operar centenas de organizações em torno de uma “comunidade de sentimentos” que tem os Açores como raiz e centro simbólico (2003: 60).

E nos Açores está a Ilha, que adquire em todo este processo uma dimensão universal, perdendo, por conseguinte, o traço de fechamento que a sua natureza inevitavelmente comporta. Assim, reconfigurada como espaço de partida na poesia de Natália, a Ilha redimensiona-se e passa a integrar o domínio onírico, onde o sentimento da saudade ganha uma feição única e dependente da expressão da própria açorianidade.

Da *Enciclopédia Açoriana*, projeto digital da Direção Regional da Cultura dos Açores, cita-se a passagem que, de forma clara e objetiva, explicita o conceito que caracteriza a produção literária dos que nasceram ou habitaram as ilhas açorianas:

A açorianidade não deve ser, com efeito, só entendida como um conceito subjetivo para glosa de filósofos ou artistas - como pensam alguns espíritos mais «positivistas» -, mas como um fundamento da identidade açoriana e suas formas de expressão e, portanto, como fundamento de uma estrutura de poder político que lute pela autonomia. [...] A açorianidade é, assim, uma experiência global e

abrangente, que irrompe no quotidiano da vivência coletiva e individual e se projeta nas artes e na literatura.<sup>1</sup>

### 3. Figurações poéticas da Ilha

#### 3.1. A Ilha: pertença e identidade

É o apego à Ilha, conforme estimulado pela dimensão psicológica da insularidade, que Natália canta em três poemas publicados em alturas diferentes da sua vida. É, por oposição, um sentimento de não-pertença à terra onde se encontra que determina a expressão de um laço de pertença do “eu” poético à Ilha. No poema VIII da obra *Cântico do País Emerso*, datada de 1961, a poetisa confirma perentoriamente a sua origem insular na primeira estrofe, negando identificar-se com um outro espaço que não o da sua Ilha:

VIII  
Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos  
Minha mãe era ninfa meu pai chuva de lava  
Mestiça de onda e de enxofres vulcânicos  
Sou de mim mesma pomba húmida e brava.<sup>2</sup>

(Correia 1993a: 282).

A recusa de ser de um lugar que corresponde àquele em que está leva o sujeito poético a esclarecer a sua génese e criação. As metamorfoses desencadeiam-se desde o primeiro verso, a partir do momento em que Natália dota a Ilha de “peitos oceânicos” e atribui a sua filiação a uma “ninfa” e a um vulcão (“pai de chuva de lava”). É por isso que a poetisa se define como “mestiça de onda e de enxofres vulcânicos”, como se fosse ela própria uma ilha reconfigurada à nascença. Não uma ínsula qualquer, mas uma onde as fumarolas dos vulcões adormecidos exalam o cheiro a enxofre que, proveniente do calor da terra, alimenta o ar por onde Natália, “pomba húmida e brava”, esvoaça “rápida”, “solta”, “talvez nuvem”.

A poetisa não é “das praias da tristeza / Do insone jardim dos glaciares”, a sua “pátria não é esta / Bússola quebrada dos impulsos”, mas sim a Ilha em que, conforme explicita o poema “Autogénese”, publicado em 1966 no capítulo “Diário de Cynthia” da obra *O Vinho e a Lira*,

---

<sup>1</sup> <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=566> [consultado em 20-03-2022].

<sup>2</sup> Todos os textos de Natália Correia são citados a partir da coletânea poética intitulada *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias I e II*.

Nascitura estava  
sem faca nos dentes  
cómoda e impura  
de não ter vontade  
de bater nas gentes.

(Correia 1993a: 319).

É aí – na Ilha – que o sujeito lírico se desliga dos “impulsos” que comprometem a tranquilidade e a harmonia que encontra no seu espaço de pertença e identidade. Se no poema VIII do Cântico do País Emerso a poetisa se toma por uma “pomba”, reconhecidamente o símbolo da paz, em “Autogénese” ela nasce “sem faca nos dentes” e não tem vontade “de bater nas gentes”. Parece que a Ilha é, para Natália, um *locus pacis*, onde a agressão e/ou a violência não coabitam com quem lá nasce e vive.

Mas a amenidade que caracteriza todo este espaço de origem não determina ou afrouxa o carácter da “nascitura”, que afirma, mais adiante,

Nasce-se em setúbal  
nasce-se em pequim  
eu sou dos açores  
(relativamente  
naquilo que tenho  
de basalto e flores).

(Correia 1993a: 319)

Ou seja, nascer na Ilha e assumir-se como parte integrante da sua essência implica incorporar, no lugar “da tristeza / Do insone jardim dos glaciares”, a frieza e o negrume do “basalto”, por um lado, e a vivacidade colorida das “flores”, por outro. É este misto de pedra e flora que sobressai do “Retrato talvez saudoso de menina insular”, que Natália havia já anunciado na “Biografia” que integra a coletânea *Poemas*, publicada em 1955:

Tinha o tamanho da praia  
o corpo que era de areia.  
E mais que corpo era indício  
do mar que o continuava.  
Destino de água salgado  
princiado na veia.

E quando as mãos se estenderam

a todo o seu comprimento  
 e quando os olhos desceram  
 a toda a sua fundura  
 teve o sinal que anuncia  
 o sonho da criatura.

Largou o sonho no barco  
 que dos seus dedos partiam  
 que dos seus dedos paisagens  
 países antecediam.

E quando o corpo se ergueu  
 voltado para o desengano  
 só ficou tranquilidade  
 na linha daquele além  
 guardada na claridade  
 do coração que a retém.

(Correia 1993a: 57).

A ligação que o “eu” poético estabelece com a Ilha é uma espécie de osmose: “o corpo que era de areia” – o da poetisa? da ilha? – estende-se até ao mar, elemento que lhe permite a desagregação e, ato contínuo, a universalidade. É chegado o tempo da partida, erguendo-se o corpo “voltado para o desengano”.

### 3.2. A Ilha: ponto de partida

O laço de pertença que une Natália à Ilha é naturalmente emocional e psicológico, porque a partida se efetiva na realidade, despertando um sentimento de perda material. Mas a poesia permite recuperar a Ilha como se fosse “um objeto imaculado pela distância, a nata de uma criança infinitamente chamada pelas ondas a esvaziar-se pela boca cantante com que assombamos as vírgulas adultas dos lugares que habitamos.” (Correia 1993a: 422) Assim se pontua o momento da partida numa “Manhã Cinzenta”, porque se impõe a mudança exigida pela fase adulta da vida:

*MANHÃ CINZENTA*  
*À partida de S. Miguel*

Ai madrugada pálida e sombria  
 em que deixei a terra de meus pais...  
 e aquele adeus que a voz do mar trazia  
 dum lenço branco, a acenar no cais...

O meu veleiro – era de espuma fria –  
 levava-o o fervor dos vendavais.  
 À passagem gritavam-me: onde vais?  
 Mas só o meu veleiro respondia.

Cruzei o mar em direções diferentes.  
 Por quantas terras fui, por quantas gentes,  
 nesta longa viagem que não finda.

Só uma estrada resta – mais nenhuma:  
 na Ilha que o passado envolve em bruma,  
 um lenço branco que me acena ainda...

(Correia 1993a: 11).

A despedida reveste-se da tristeza que é normal sentir-se quando se deixa a “Ilha que o passado envolve em bruma.” É da terra dos seus pais – “ninfa e pai chuva de lava” – que o sujeito poético parte para cruzar “o mar em direções diferentes”, como se doravante a ínsula se afastasse da vida da poetisa. Este afastamento, porém, é materializado no momento da partida, uma vez que a poesia permite a Natália apenas uma “longa viagem que não finda, / só uma estrada resta – mais nenhuma”: a lembrança do adeus acenado por um lenço branco.

Por isso é que, no III dos “7 Poemas da Morte e da Sobrevivência”, Natália esclarece que o retorno à Ilha não deve fazer-se de um qualquer modo, há que revestir o colorido da flor para imprimir outra tonalidade à palidez da despedida naquela “Manhã Cinzenta”. Se um lenço branco acenou à sua partida, que a florescência em cor a saúde aquando do regresso:

Não regressarei à terra  
 como uma folha que cai.  
 Condição de ser a hera  
 que no meu tronco se enlaça  
 sou a nascente da água  
 que me leva quando passa.



Não sou poeira que o vento  
 arrasta até encontrar  
 a florescência da flor.  
 Origem morte existência  
 sou a própria florescência  
 incontinente na flor.

(Correia 1993a: 117).

Mas o regresso não se faz tão cedo. O lugar de onde parte permanece-/-lhe na memória e é evocado com saudade quando, numa circunstância específica da sua vida, Natália pensa que pode vislumbrar, ao longe, a Ilha que lhe serviu de berço e da qual se despediu tristemente numa manhã sem sol. Na obra *Descobri que Era Europeia. Impressões duma viagem à América*,<sup>3</sup> a poetisa descreve a jornada que faz aos Estados Unidos da América. Quando, em 1950, sobrevoa o Atlântico rumo à terra da fartura, a escala técnica na ilha vizinha de Santa Maria leva Natália Correia a registar em prosa aquilo que em poesia é canto de saudade:

Estamos a vinte e sete milhas náuticas de Santa Maria. A partir daqui, a viagem começa a revestir um significado sentimental. Pela primeira vez, após quinze anos, vou aproximar-me da terra onde nasci. Ficarei durante uma hora a sessenta milhas de distância da minha ilha: São Miguel.

Vou parar em Santa Maria, onde nunca estive, mas que conheço como uma tênue linha de horizonte dos dias claros. Quantas vezes, debruçada na balastrada do Aterro, vendo a ilha distante, aberta como uma flora na bruma do mar, eu pensava se aquela não seria a ilha misteriosa sepultada no oceano que a velha Maria da Estrela dizia aparecer de quando em quando aos olhos fadados para a ver: [...] (Correia 1993a: 422).

A paragem na pequena ilha de Santa Maria assume uma dupla função: por um lado, não será mais do que um lugar de passagem na rota para outro mundo, mesmo ao lado do ponto de partida de há década e meia de anos e, por outro, torna-se numa espécie de janela a

---

<sup>3</sup> Esta narrativa de Natália Correia é um documento importante para a compreensão do fenómeno da “açorianidade”. Aí se desenvolve, com bastante acuidade, a conclusão a que chegam, por exemplo, Rosa & Trigo 1987:199: “Entre a insularidade e o sonho realizado, ou não, da distância das “Califórnia da abundância”, constrói-se cada vez com mais fervor a açorianidade – essa maneira que o açoriano tem de afirmar a sua especificidade de ser português, sendo ao mesmo tempo um cidadão de errância em trânsito permanente, espiritual ou físico, para sua mátria: Açores.”

partir da qual Natália tenta perscrutar a sua Ilha, espaço agora preservado na memória, ao qual a poetisa acede através da recordação e do sonho.

### 3.3. A Ilha: recordação e sonho

O desejo de rever a Ilha manifesta-se. É um regresso que se anuncia? Antes de Natália ter atravessado o Atlântico e sobrevoado os Açores rumo à universalidade capitalista – imagem que pinta da América, aquando da sua primeira viagem àquela terra de sonho para tantos açorianos –, em *Rio de Nuvens*, obra de 1957, publicada sete anos depois da deslocação a Boston, a poetisa mostra, no poema XVII, como a Ilha deixou de pertencer ao mundo do real e passou a figurar – “esquecida”, “encantada”, “não descoberta”, “desconhecida” e “distante” – no recôndito da imaginação do sujeito poético.

Na verdade, conforme se lê em “Mãe Ilha”, texto integrado em *A Mosca Iluminada* que data de 1972, Natália assume:

Para Lisboa me trouxeram  
 não de uma vez e embarcada  
 minha longa matéria foi  
 pouco a pouco transportada.

(Correia 1993a: 423)

Quer com isto o “eu” lírico confirmar que a Ilha não se desapegou da sua “matéria”, mas faz parte da sua essência, integrada agora no universo onírico que só ela – a poetisa – habita, porque

Aquela Ilha esquecida  
 Que eu habito adormecida  
 Que, à noite, eu vou habitar;  
 [---]  
 Aquela Ilha esquecida  
 Que só tem um habitante:  
 Eu que lá vivo de noite...

(Correia 1993a: 31)

Se é “esquecida” por uns, mesmo quando “pelos caminhos do sonho/Se mostra a quem a buscar”, a Ilha é o espaço de refúgio individual, onde Natália ouve o “rumor remoto de hortênsias” e percorre “estradas de bruma”. É no sonho que a poetisa reabilita a identidade insular açoriana, tesouro guardado na memória, ao qual a poesia dá voz num cântico de saudade. Por isso, “a presença da

ausência da ilha é sentida pelo sujeito lírico, sempre que necessita de recolher-se nesse refúgio ou abrigo matriarcal, reduto de paz e de silêncio que caracteriza, quer a *insula* em si mesma, quer o ser ilhéu” (Almeida 2018: 98).

Assim, através do sonho e, simultaneamente, através da expressão poética, a Ilha reconfigura-se num mundo pequeno, “uma imagem do cosmos, completa e perfeita, porque ela representa um valor sagrado concentrado” (Chevalier & Gheerbrant 1994: 374). Ou seja, a Ilha de Natália é-lhe intrínseca, faz parte dela enquanto ser real e entidade poética: a visão que só ela cria desse espaço, como pertença, identidade, porto de partida e recriação onírica, atribui ao pedaço de terra que lhe deu vida, rodeado por mar por todos os lados, um estatuto de divindade. O cordão umbilical que prende a poetisa à Ilha não se rompe, persiste na universalidade que o canto prolonga, em tons de saudade maior ou de saudade menor. E aí reside a expressão natural da açorianidade que Natália imprime à sua poesia. Deixar a Ilha não é apagá-la da sua existência, nem tão-pouco da sua memória, é bem o contrário; deixar este berço da nascença é levá-lo perpetuamente integrado na bagagem de mão de qualquer viagem e trazê-lo de volta como uma herança que está, desde sempre, predestinada à sobrevivência do poeta insular, porque é Ilha mãe, matéria e não pátria.

Em *A Estrela de cada um*, Natália Correia, considerando uma publicação de António Quadros onde a palavra “matéria” reflete, parcialmente, o conceito defendido por ela própria, esclarece:

Que matéria implica “uma ligação sentimental à terra”, de acordo. Mas não só isso. Representa, em sentido mais lato, um elo afetivo com a *natureza* do homem. Uma relação estabelecida pelo afeto e não pela *persona* social, vinculada ao princípio patrística e pátrio. Não vejo, portanto, razão para que *matéria* pressuponha a tendência provincial para um tradicionalismo não evolutivo e desconfiado perante outros países. Tampouco a História, com todas as implicações expansionistas radicadas na noção de pátria, me permite estar de acordo com este ponto de vista de António Quadros (Correia 2004: 107).

A veia identitária de Natália como poetisa insular que proclama o sentimento de pertença, pela identidade, à Ilha de onde partiu e que reconstitui amiúde no universo do sonho e da poesia não lhe permite dar razão ao que Quadros terá afirmado, porque o ser-se Ilha acarreta a autoridade individual de (des)considerar os conceitos que em torno da origem vão sendo avançados. Se a poetisa concebe a Ilha como

mátria, que valor terá *de facto* para ela a noção de pátria? A imagem que a poesia de Natália recria da Ilha Mãe é a de uma divindade à qual só se tem acesso pela condição da açorianidade.

### 3.4. A Ilha: transfiguração poética do real

“A menina que fui agora”, expressão com a qual o sujeito poético se identifica no poema “Ilha Mãe”, publicado em 1972 em *A Mosca Iluminada*, mostra como Natália sempre atribuiu à ínsula a inocência que pressupõe um estado genesíaco. Na realidade e tendo em conta o inevitável carácter autobiográfico da sua obra, a lembrança nostálgica que a poetisa ostenta da Ilha que também a vê partir, com apenas onze anos de idade, leva-a a recriá-/la na universalidade da poesia. O texto intitulado “Ilha”, que segue a “Autogénese” do “Diário de Cynthia”, de *O Vinho e a Lira* de 1966, ilustra os efeitos mágicos da origem na linguagem e no discurso poéticos de Natália, onde as metáforas, os jogos de palavras e as referências *extra insulam* fazem do espaço real que é S. Miguel uma divindade de “sulfúrica substância”, a versão feminina de um Aquiles “pelo calcanhar segura”:

A ILHA

Com bíceps de basalto  
de um pedúnculo ergue  
a grega musculatura.  
A mergulhada maxila  
da Atlântida acaso  
pelo calcanhar segura

sua sulfúrica substância  
de se revolver como água  
com cio dentro da bilha  
e por frementes cabelos  
reparte a ira vulcânica  
de sendo garça ficar ilha.

Com meneios de hortênsias tenta  
quebrar-se pela cintura  
frutos eléctricos acrescenta  
porém à sua fartura  
de inhames em que se espreguiça  
esgarçando a nevoenta costura  
do vestido de oceânica brisa.

Que a submersa geografia  
de que os seus bosques são a crista  
sacuda o oceano e fique  
com a plumagem toda à vista.

Dor de terra decepada  
carne de ilhas encobertas  
coagulada em açoriana  
viola de cordas amarelas.

(Correia 1993a: 322-323)

No poema, assiste-se a uma transfiguração da Ilha que evidencia contornos surrealistas. A partir dos elementos que se ligam à ínsula – “basalto”, “sulfúrica substância”, “ira vulcânica”, “garça”, “hortênsias”, “inhames”, “açoriana/viola de cordas amarelas” –, Natália reconstitui um corpo que “ergue/a grega musculatura” e “tenta/quebrar-se pela cintura” “com meneios de hortênsias” que se funde com a natureza envolvente na sua totalidade, tanto da fauna, como da flora. A “garça”, ave à qual os açorianos se habituaram desde sempre e com a qual a própria Natália sugere identificar-se noutros poemas, é uma espécie migratória que encontra nos apeadeiros insulares fontes de subsistência apetecíveis. Mas, no poema, a Ilha “reparte a ira vulcânica/de sendo garça ficar ilha”; quer isto dizer que no universo poético de Natália tudo se funde e se torna parte integrante do conceito com que a poesia desenha a (sua) Ilha.

À semelhança da ave, também a Ilha voa e migra. De que modo? Enquanto traço indissociável da produção poética de Natália Correia, a Ilha acompanha-a através das palavras, da memória e do sonho, porque lhe é intrínseca ao carácter e à sua natureza humana. Almeida destaca esta ligação embrionária, aludindo ao impacto real que a Ilha tem em Natália e à transfiguração que a poetisa opera para integrar e perpetuar este elemento na sua vida:

O facto de Natália Correia ter nascido na ilha de São Miguel, nos Açores, e, aos dez anos de idade, ter partido para a cidade de Lisboa, representa uma marca eterna em todo o seu discurso poético. Natália transporta esse sentimento de perda no subtexto da alteridade poética que potencializa a ilha natal, refúgio onde o poeta tentará repousar em momentos de desalento e evasão literária (Almeida 2018: 95).

Assim, tal qual a garça que esvoaça, errante, até encontrar o poiso que a alimenta durante um período de tempo, Natália regressa à

Ilha a que pertence por nascimento e condição, mesmo que este retorno se faça pelo processo da transfiguração do real que é possível no universo onírico da poesia, o reino da metamorfose.

#### 4. Conclusão

É a condição insular que determina o apego da poetisa à terra onde nasceu. Na qualidade de traço de um grupo distinto de indivíduos – os que têm a ilha por origem –, a insularidade de Natália exprime-se através de uma dimensão psicológica particular. Nascer nos Açores não é o mesmo que nascer na Madeira, nas Canárias ou nas Baleares. A identidade açoriana manifesta-se, pois, por meio de uma expressão *sui generis*; aí a poesia assume o papel de veículo artístico do *modus cogitandi operandique* que se repercute fora do espaço fechado da Ilha real e ecoa no domínio da universalidade como Ilha transfigurada pela saudade e pelo desejo nostálgico do “eu” em volver à *fons et origo*: “Por isso, com a cumplicidade do peso húmido da morta, eu digo que a rigor só há uma ilha, a única, a minha, meu mistério selado pelos arbustos altivos da desaparecida” (Correia 1993a: 422). A Ilha de Natália não desapareceu, está viva na sua poesia, portanto.

#### Bibliografia

##### Edições e comentários

- Correia, Natália (1993a): *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias I*, Círculo de Leitores.
- Correia, Natália (1993b): *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias II*, Círculo de Leitores.
- Correia, Natália (2004): *A estrela de cada um*, Mem Martins, A.M. Pereira/Livraria Editora.
- Correia, Natália (2018): *Descobri que era europeia. Impressões duma viagem à América*, Lisboa, Ponto de Fuga.
- Nemésio, Vitorino (1983): *Corsário das Ilhas*, Lisboa, Bertrand.

##### Estudos

- Abreu, M. F. et alii (2010): *Natália Correia: a festa da escrita*. Lisboa: Edições Colibri/FCSH-UNL.
- Almeida, Ângela (2018): *A Simbólica da Ilha e do Pentecostalismo em Natália Correia*, Ponta Delgada, Letras Lavadas Edições.

- Almeida Pavão, José de (1988): “Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana”, *IX Semana de Estudos dos Açores. Conhecimento dos Açores através da literatura*, Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, pp. 31-47.
- Batista, José Manuel Dias (2012): *Contributos para uma noção de açorianidade literária*, Lisboa, Universidade Aberta [dissertação de mestrado em estudos portugueses multidisciplinares].
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1994): *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema.
- Coelho, L. M. (coord.) (2021): *Insularidades. Rotas, Gentes e Lugares*, Porto, Edições Afrontamento.
- Costa, Ana Paula (2005): *Natália Correia. Fotobiografia*, Lisboa, Dom Quixote.
- Faria, Rui Tavares de (2010): “A *femina-insula* num diálogo para-erótico com o *uir-mare*. Uma leitura possível de ‘A Ilha’ de Rosa Lobato Faria”, *Neo 10*, pp. 71-75.
- Lacerda, E. P. (2003): *O atlântico açoriano*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina [tese de doutoramento em antropologia social].
- Leal, J. (1997): “Açorianidade: Literatura, Política, Etnografia (1880-1940)”, *Etnográfica, Vol. I (2)*: 191-211.
- Rosa, V. & Trigo, S. (1987): “Da insularidade à açorianidade: algumas reflexões”, *Arquipélago. Ciências Sociais, N.º 2*: 187-201.

